

89. Sem os profissionais da saúde seria pior

Nair Batista Felício

Meu nome é Nair Batista Felício, tenho 34 anos, sou indígena Palikur-Arukwayene, da Aldeia Kumenê, Terra Indígena Uaçá. Atualmente moro no município de Oiapoque, mas toda minha família mora na Aldeia Kumenê. Entre 2011 e 2016 cursei a Licenciatura Intercultural Indígena, na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Campus Binacional do Oiapoque. No ano de 2018 passei a cursar Enfermagem, ainda estou cursando, mas com o surgimento do novo vírus o nosso curso está com as atividades suspensas, para que não haja aglomeração nas salas e também para nos protegermos do coronavírus.

A primeira notícia, a primeira vez que ouvi falar sobre o coronavírus (COVID-19) foi através da TV, Facebook e grupos de Whatsapp. As notícias mostravam tantas mortes causadas pelo coronavírus que fiquei assustada, porque não eram poucas pessoas que já tinham morrido. Acompanhando as notícias vi que o vírus vinha se aproximando. E o vírus estava se espalhando rapidamente em todos os países, nem demorou muito tempo e chegou ao Brasil, foi passando pelos estados e municípios.

Comecei a ficar mais preocupada ao pensar que a nossa população Palikur-Arukwayene é pouca, então, se esse vírus chegasse no município de Oiapoque seríamos prejudicados. Sabemos que o nosso município de Oiapoque tem uma situação precária em relação à saúde.

Quando o vírus chegou no município de Oiapoque a minha preocupação foi aumentando cada vez mais, pensando em nós, indígenas, porque somos acostumados a viver em coletivo, junto a família e amigos. Trabalhamos sempre em mutirão, viajamos no barco com a família e parentes, não temos costume de usar máscaras e álcool gel. Sem orientações dos profissionais da saúde para nos ensinar a se prevenir do vírus seríamos mais prejudicados e contaminados por esse vírus.

Algumas pessoas são hipertensas, diabéticas e do grupo de risco, uma delas é a minha mãe. Falei com minha família, orientei sobre como se proteger do vírus, pedi para conversarem com a nossa mãe, para ela ficar na aldeia em isolamento. Eu não podia ficar na aldeia porque no município de Oiapoque o vírus já havia se espalhado, tive que me manter

isolada em casa, no Oiapoque, mas me comunicava com a minha família através da internet. Depois soube que o vírus já tinha chegado na Aldeia Kumenê, fiquei preocupada com a minha mãe, e quando a minha irmã falou que ela estava doente o desespero veio, mas já tinha ouvido falar do chá que fez muitas pessoas melhorarem dessa doença, planta que não tinha mais na aldeia. Comprei aqui no Oiapoque, mesmo sem ter dinheiro, mas para comprar dei um jeito, comprei e mandei para ela, assim ela melhorou.

Hoje a minha mãe está bem e também estamos bem. Agradeço hoje a Deus por ter nos dado sabedoria para termos esse conhecimento, para fazermos remédios de chá e curar as pessoas. Sinto falta da família, dos amigos e também dos estudos, quero terminar o meu curso e trabalhar com o meu povo Palikur, orientando eles a como se proteger de várias doenças.

Oiapoque, Amapá, Brasil

13 de agosto de 2020